



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

EMMANUELLE ANDRADE PESSOA

**A PERSPECTIVA ESTRATÉGICO MILITAR NORTE-AMERICANA
PARA A COREIA DO NORTE: A QUESTÃO DO ARMAMENTO
NUCLEAR**

**JOÃO PESSOA – PB
2013**

EMMANUELLE ANDRADE PESSOA

**A PERSPECTIVA ESTRATÉGICO MILITAR NORTE-AMERICANA
PARA A COREIA DO NORTE: A QUESTÃO DO ARMAMENTO
NUCLEAR**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Relações Internacionais da Universidade
Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento
à exigência para obtenção do grau de Bacharel
em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre César da Cunha Leite

JOÃO PESSOA – PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

P475p

Pessoa, Emmanuelle Andrade.

A perspectiva estratégico militar norte-americana para a Coreia do Norte: a questão do armamento nuclear / Emmanuelle Andrade Pessoa . – 2013.

37f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Relações Internacionais, 2013.

“Orientação: Prof. Dr. Alexandre César da Cunha Leite , Curso de Relações Internacionais”.

1. Política externa dos Estados Unidos. 2. Relações Internacionais - Coreia do Norte - Estados Unidos. 3. Estratégia militar dos Estados Unidos. I. Título.

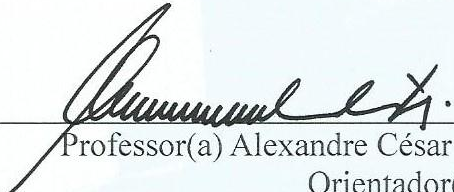
21. ed. CDD 327.73

EMMANUELLE ANDRADE PESSOA

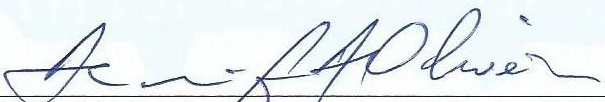
**A PERSPECTIVA ESTRATÉGICO MILITAR NORTE-AMERICANA
PARA A COREIA DO NORTE: A QUESTÃO DO ARMAMENTO
NUCLEAR**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Relações Internacionais da Universidade
Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento
à exigência para obtenção do grau de Bacharel
em Relações Internacionais.

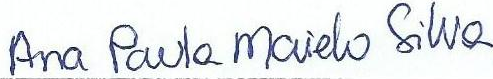
Aprovada em 04/09/2013



Professor(a) Alexandre César Cunha Leite / UEPB
Orientador(a)



Professor(a) Henrique Altemani de Oliveira / UEPB
Examinador(a)



Professor(a) Ana Paula Maielo Silva / UEPB
Examinador(a)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, à minha família e a todos que não mediram esforços para me confortarem com palavras de perseverança, nos momentos em que mais precisei durante minha caminhada no curso de Relações Internacionais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo seu grande amor e misericórdia, pelos grandes milagres que realizou no decorrer deste último semestre, por ter me dado forças e pela certeza de sua presença em minha vida.

Ao meu pai José Fernando de Melo, a minha mãe Ozanete Pessoa de Melo, a minha irmã Vitória Pessoa de Melo e a toda minha família que sempre esteve na “torcida” da minha Vitória.

Ao meu avô João Anatólio Pessoa e a minha avó Antônia Andrade Pessoa (*in memoriam*), pois, embora fisicamente ausentes, encontrar-se-ão sempre presentes em minha vida.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite, por ter dedicado seu precioso tempo a me orientar, por todo ensinamento e ajuda, fatores que muito contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Aos professores (a) Dr. Henrique Altemani de Oliveira e Dr^a Ana Paula Maielo, por terem aceitado o convite em participar da banca avaliadora e por todo ensinamento que me passaram.

A todos os meus colegas de curso pelo companheirismo durante nossa caminhada acadêmica, em especial aos meus amigos (a) Jane Eyre M. D. F. Fernandes, Daniella Luna F. de Araújo, Jeane S. de Freitas e Flaviano Fagner que disponibilizaram o seu precioso tempo para me ajudar em diversas áreas da minha vida.

Ao meu namorado João Paulo pelo apoio constante e compreensão, principalmente nos momentos em que estive prestes a me desanimar .

Aos os professores do curso de Relações Internacionais da UEPB, por toda dedicação e pelos ensinamentos ao longo do curso.

A todos os funcionários da UEPB, em especial às secretárias Sandra Maranhão e Kaline Barbosa, pela presteza e carinho no atendimento.

À UEPB e a todos aqueles que contribuíram, de maneira direta ou indireta, para a realização deste trabalho.

“O equilíbrio de forças convencionais seria essencialmente irrelevante caso emergisse um *hegemon* nuclear”. (MEARSHEIMER, 2001: 23)

A PERSPECTIVA ESTRATÉGICO MILITAR NORTE-AMERICANA PARA A COREIA DO NORTE: A QUESTÃO DO ARMAMENTO NUCLEAR

PESSOA, Emmanuelle Andrade¹.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite

RESUMO

Este artigo almeja contextualizar de forma geral e sucinta as “grandes estratégias” adotadas na política externa norte-americana no campo da questão militar nos governos Clinton, Bush e Obama, cujo foco volta-se especificamente para as estratégias adotadas no governo de Barack Obama. Através da análise de política externa no âmbito militar, cuja perspectiva é voltada para Ásia, busca-se compreender a relação existente entre Estados Unidos e Coreia do Norte. Estes países possuem certa adversidade, devido a um passado conflituoso, pois, após a divisão da Península Coreana no século XX em zonas de ocupação norte-americana e soviéticas, ambos os lados reivindicaram soberania sobre toda a península, o que os levou à Guerra da Coreia em 1950, em que a Coreia do Norte invadiu a Coreia do Sul, e por conseguinte o Conselho de Segurança das Nações Unidas interveio contra a invasão com uma tropa liderada pelos Estados Unidos. No entanto, apesar de um armistício em 1953 ter suspenso o conflito, os dois países formalmente continuam em guerra. A proposta deste trabalho consiste em identificar qual a perspectiva estratégico militar norte-americana para a Coreia do Norte e consequentemente como esta Nação tem reagido diante das ações dos EUA, buscando entender as razões que motivam os EUA a não lutarem uma guerra preventiva contra a Coreia do Norte, mesmo diante do arsenal nuclear que esta última possui e da realização de mais um teste nuclear no início deste ano. Acredita-se que a ausência de guerra esteja associada às estratégias militares dos EUA para a Coreia do Norte, ou, ainda, ao comportamento agressivo da Coreia do Norte que infringe as normas do Conselho de Segurança das Nações Unidas, através da dissuasão nuclear efetuada e que provavelmente devido a este comportamento vem conseguindo conter a eclosão de uma guerra com os EUA. Para tanto, faz-se uma análise do comportamento da Coreia do Norte através do realismo ofensivo cuja vertente teórica entende que os Estados tem como norte para sua ação a maximização de poder, dentre outros princípios que para esta teoria possibilitam a garantia da sobrevivência, onde o Estado pode conquistar uma posição dominante sobre os outros Estados.

PALAVRAS-CHAVE: Coreia do Norte. Estados Unidos. Estudos Estratégicos

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba.
E-mail: emmapessoa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As relações entre Coreia do Norte e Estados Unidos são de adversidade, devido a um passado conflituoso, pois, após a divisão da Península Coreana no século XX em zonas de ocupação norte-americana e soviéticas, ambos os lados reivindicaram soberania sobre a península inteira, o que levou as Coreias a entrarem em conflito, dando início à Guerra da Coreia em 1950, que ficou marcada pela intensidade e violência que assolou a península, onde a Coreia do Norte invadiu a Coreia do Sul. O Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU) interveio contra a invasão com suas tropas lideradas pelos Estados Unidos. Então, a Coreia permaneceu dividida com dois projetos políticos distintos. Em 1953 um armistício suspendeu o conflito, porém os dois países formalmente continuam em guerra até os dias atuais. Diante do breve histórico de conflitos entre estes países, busca-se neste artigo contextualizar de forma sucinta as grandes estratégias da política externa norte americana no âmbito da questão militar. No entanto o foco de análise volta-se para a estratégia aplicada durante o governo de Barack Obama especificamente para a Coreia do Norte, buscando entender a atual relação existente entre estes dois países, tendo em vista que provavelmente neste século XXI, o olhar norte-americano esteja voltando-se para Ásia.

A concepção desta pesquisa deu-se em meio à percepção da importância de análise da estratégia adotada na política externa norte-americana no âmbito militar pelo governo Obama diante da dissuasão nuclear efetuada pela Coreia do Norte e os conflitos vivenciados por estas nações. Considerando o reflexo de tais comportamentos no cenário internacional, o recente teste nuclear realizado no ano corrente chama atenção da comunidade internacional, haja vista que põe em risco a vida humana. Ademais, ressalta-se a importância da administração do presidente Obama que teve sua gestão nomeada como “governo da esperança”, contrária a administração anterior do ex-presidente Bush conhecida enquanto “governo do terror”. Portanto, o trabalho intenta trazer uma contribuição para o estudo da relação EUA - Coreia do Norte, destacando as possíveis causas de tais conflitos, bem como sua importância no âmbito da atual conjuntura internacional e a questão do armamento nuclear que retoma sua evidência no atual governo de ambos os países analisados.

Optou-se neste estudo pelo marco temporal compreendido no período em que Barack Obama assume a presidência dos Estados Unidos (2009 até os dias atuais). Considerando-se nesse eixo temporal, a política externa militar aplicada no governo Obama para Ásia, em especial para o Norte da Coreia, e o comportamento agressivo desta nação diante do posicionamento estratégico militar norte-americano, suas divergências políticas e a busca por poder.

Surge nesse sentido, o ponto de partida desse trabalho apresentando-se na seguinte questão: quais são as estratégias militares adotadas pelos EUA para a Coreia do Norte? E se a posição Norte Coreana em realizar testes nucleares é uma resposta para aos EUA? Assim, pode-se considerar que a Coreia do Norte tem se comportado de forma agressiva, pois, de acordo com Mearsheimer (2001) uma nação como a Coreia do Norte detentora de um arsenal nuclear é considerada uma potência irracional, logo, é provável a eclosão de uma guerra. Desse modo, o lado Norte da Coreia tem conseguido inibir a política externa norte-americana no campo da segurança militar, evitando que os EUA iniciem uma guerra preventiva? Tal ação armada empreendida tem o objetivo de evitar que a outra parte ataque, embora não haja evidência de que o ataque seja iminente ou que esteja sendo planejado. Deste modo, este estudo dar-se-á a partir do ponto de vista norte americano.

Nessa direção o presente artigo tem como objetivo geral analisar o comportamento da política externa dos Estados Unidos, no governo Obama (2009 – em exercício), no campo da segurança militar em relação à Coreia do Norte e seus possíveis desdobramentos, respaldados na teoria designada por Mearsheimer de realismo ofensivo, cuja natureza é essencialmente realista. O realismo ofensivo é uma teoria estrutural que, ao contrário do realismo clássico de Hans Morgenthau, acusa o conflito de segurança na anarquia do sistema internacional, e não a natureza humana ou as características de cada uma das grandes potências. Em contraste com outras teorias estruturais realistas, o realismo ofensivo acredita que os Estados não estão satisfeitos com uma determinada quantidade de poder, mas buscam a hegemonia (maximização de sua parcela de poder no mundo), para segurança e sobrevivência, partindo do princípio de que o sistema internacional molda fortemente o comportamento dos estados. No entanto, esta teoria é utilizada no presente estudo, pois, traz um esclarecimento considerável quanto ao comportamento agressivo da Coreia do Norte, diante realização do seu teste nuclear efetuado no presente ano.

Para alcançar tal objetivo, faz-se necessário estabelecer alguns objetivos específicos. Nesse sentido, dentro desse escopo pretende-se: 1) Contextualizar a perspectiva estratégico-militar norte americana de forma geral e identificar qual estratégia é utilizada para a Coreia do Norte; 2) Descrever brevemente o conflito entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul sob respaldo da influência norte americana; e 3) Analisar a questão do armamento nuclear da Coreia do Norte e os impactos desse comportamento para a política externa norte americana.

A metodologia aplicada nessa pesquisa será baseada no método descritivo, analítico, bibliográfico. Serão utilizadas fontes secundárias com pesquisa de literatura específica da

área de Relações Internacionais e das subáreas de Segurança Internacional e Política Externa. Além do mais, serão realizadas pesquisas em sites oficiais do governo dos EUA, da Coreia do Norte e do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América, assim como sites de jornais e trabalhos acadêmicos que versem sobre a Política Externa norte-americana.

Em termos estruturais, este trabalho compõe-se da presente introdução, três tópicos centrais e das considerações finais. O primeiro tópico contextualiza a perspectiva estratégico militar norte-americana de forma geral, caracterizando e examinando as grandes estratégias adotadas na política externa no campo da segurança militar nas distintas administrações dos EUA com: Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama, com ênfase no governo do atual presidente, cujo intuito é identificar quais estratégias foram adotadas em sua administração.

O segundo tópico tem como objetivo percorrer brevemente a história do conflito entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul sob respaldo da influência norte-americana a partir da divisão da Península. Nessa análise, foi feita uma sucinta abordagem acerca da posição Norte Coreana frente à “grande estratégia” norte americana e as motivações e interesses que pautam a relação conflituosa entre EUA X Coreia do Norte.

Já no terceiro tópico, analisar-se-á a questão do armamento nuclear da Coreia do Norte e os impactos do seu comportamento para a política externa norte-americana, como forma de manifestar sua insatisfação perante as estratégias aplicadas no campo militar pela administração dos EUA. Nessa seção, as abordagens se constituir-se-ão de dois sub-tópicos: o primeiro questionando se a Coreia do Norte foi capaz de conter a perspectiva estratégico militar dos EUA e, no segundo discutindo-se se a dissuasão do armamento nuclear é decisiva para a Coreia do Norte se comportar como um *hegemon* no cenário internacional, pois o objetivo primordial de cada estado é maximizar sua cota de poder mundial, o que significa conquistar poder além dos outros estados, cuja finalidade é a de se tornar a grande potência do sistema, em suma, um estado hegemônico (MEARSHEIMER, 2001).

1. A PERSPECTIVA ESTRATÉGICO MILITAR NORTE AMERICANA: CONJUNTURA, CONSIDERAÇÕES GERAIS.

O século XX foi marcado por diversos conflitos internacionais. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade (HOBSBAWM, 1994). De acordo com Resende (2013) com o fim da Guerra Fria surgiu a necessidade de os Estados Unidos

refletirem sobre suas prioridades e estratégias globais, repensando sua Política de Segurança Nacional. Então quatro grandes estratégias e seus argumentos sobre o papel dos EUA no mundo são debatidos. Neste artigo busca-se identificar a estratégia aplicada pelos EUA para Ásia, especificamente para a Coreia do Norte.

As grandes estratégias que se destacam na política externa norte-americana são chamadas: neo-isolacionismo, engajamento seletivo, segurança cooperativa e primazia. Estas foram formuladas com base em algumas questões levantadas por Posen e Ross (1996-1997) que tinham como objetivo melhorar o planejamento da política externa dos EUA. Pode-se considerar tais estratégias como um programa criado pelas autoridades governamentais com o objetivo de atingir determinado resultado diante de outros Estados. A análise das estratégias ressalta a importância do sistema político doméstico, do modelo institucional dos países, do papel desempenhado pelos governos e da formulação da política externa.

O quadro exposto é uma apresentação sumária das quatro visões estratégicas norte-americana. Em seguida descreve-se cada umas das quatro estratégias de forma sucinta.

QUADRO - Perspectivas concorrentes da Grande Estratégia

	NEO ISOLACIONISMO	ENGAJAMENTO SELETIVO	SEGURANÇA COOPERATIVA	PRIMAZIA
Âncora Analítica	Realismo Defensivo Mínimo	Equilíbrio de poder Tradicional do Realismo	Liberalismo	Realismo Máximo / Unilateralismo
Maior Problema da Política Internacional	Evita se envolver nos assuntos dos outros	Paz entre as Grandes Potências	A Indivisibilidade da Paz	A ascensão de um Competidor à sua altura
Ordem Mundial Desejada	Equilíbrio de poder a distância	Balança de Poder	Interdependência	Hegemônica
Dinâmica Nuclear	Manter o <i>status quo</i>	Manter o <i>status quo</i>	Apoia Agressão	Apoia a Agressão
Concepção dos Interesses Nacionais	Estreita	Restrita	Transnacional	Ampla
Prioridades Regionais	América do Norte	Eurásia Industrial	Global	Eurásia Industrial e na Região de qualquer Potencial Rival
Proliferação	Não é nosso	Prevenção	Prevenção	Prevenção

Nuclear	problema	Discriminada	Indiscriminada	Indiscriminada
OTAN	Retirar	Manter	Transformar e Expandir	Expandir
Conflito Regional	Evita	Conter, Intervenção Discriminada	Intervir	Conter, Intervenção Discriminada
Conflito Étnico	Evita	Conter	Quase Intervenção Indiscriminada	Conter
Intervenção Humanitária	Evita	Intervenção Discriminada	Quase Intervenção Indiscriminada	Intervenção Discriminar
Uso da força	Autodefesa	Discriminada	Frequente	À vontade
Postura de Força	Força de Autodefesa Mínima	Duas vezes a Maior Força de Contingência Regional	Complexo Militar de Reconhecimento para a Ação Multilateral	Uma Força Padrão de Duas Potências

Fonte: (POSEN e ROSS, 1996-1997: 6). Tradução livre.

O neo-isolacionismo tem fundamento no realismo, portanto concentra-se no poder, apresentando uma visão restrita do interesse nacional norte-americano (a defesa da liberdade, propriedade e integridade do povo e do território norte-americano). Ao cabo da Guerra Fria nenhum Estado teria a capacidade para ameaçar a supremacia estadunidense. A política externa norte-americana deveria ficar distante dos problemas internacionais. O comprometimento com instituições internacionais e os conflitos externos deveriam ser deixados em segundo plano (GOMES, 2007).

A segunda grande estratégia é o engajamento seletivo, cujos esforços são para assegurar a paz entre as grandes potências. Os EUA devem estar preparados para a manutenção do equilíbrio de poder entre os principais países do sistema internacional. Ainda que nenhuma delas possa competir militar e ideologicamente com os EUA, a paz entre grandes potências como Rússia, China, Japão e a União Europeia é de suma importância para evitar a eclosão de uma nova guerra de proporções similares aos grandes conflitos do século XX, cujos desdobramentos podem comprometer toda a estabilidade do sistema (GOMES, 2007).

O objetivo do envolvimento dos EUA deve ser afetar diretamente a propensão desses poderes para ir à guerra um com o outro. Essas guerras têm a maior chance de produzir em larga escala recurso a armas de destruição em massa, uma experiência global que os EUA

devem tentar evitar. Essa estratégia, ao acentuar a necessidade da manutenção do equilíbrio de poder entre as grandes potências, em muito nos remete ao realismo estrutural pregado por Waltz (1979).

Ao considerar que os recursos estadunidenses são finitos, alianças tradicionais e organizações internacionais, como a OTAN, são os veículos mais adequados para a perseguição desse objetivo. Conflitos étnicos e intervenções humanitárias tornam-se importantes porque suas consequências podem afetar a balança de poder entre as potências (GOMES, 2007).

Assim como o neo-isolacionismo, o engajamento seletivo emerge da tradição realista da Política Internacional e seu foco também é em grandes concentrações de poder (PECEQUILO, 2003). No engajamento seletivo espera-se que o equilíbrio dos estados, e que as armas nucleares favoreçam a defesa do *status quo*. No entanto, engajamento seletivo também reconhece que o equilíbrio pode ser tardio, estadistas podem calcular mal e a dissuasão nuclear pode falhar. Dado o interesse em grande poder de paz, as armas nucleares dissuadem, e pode-se colocar o peso de forças nucleares estratégicas dos EUA por trás dos poderes do *status quo* (POSEN e ROSS, 1996-1997).

Na terceira estratégia chamada segurança cooperativa, diferentemente das demais estratégias, é a única de matriz liberal. Partindo do pressuposto de que a paz é indivisível, EUA teriam um grande interesse na manutenção da mesma e que a sua atuação deveria ser pautada pela ação de instituições internacionais, assim como prega a importância do funcionamento dos mecanismos de segurança coletiva (GOMES, 2007). E de acordo com Posen e Ross (1996-1997), a segurança cooperativa representa um esforço para superar as deficiências da segurança tradicional.

A quarta e última estratégia é a primazia. Assim como o engajamento seletivo é motivada pelo poder e pela paz. O aspecto particular de poder é importante, pois, esta estratégia afirma que somente uma preponderância do poder dos EUA garante a paz. A prática pré-Guerra Fria de agregar poder, através de coligações e de alianças, que está na base de engajamento seletivo, é vista como insuficiente. Paz é o resultado de um desequilíbrio de poder em que as capacidades do Estado são suficientes, operando por conta própria. Não basta, uma posição confortável para o engajamento seletivo. Tanto a ordem mundial e nacional de segurança exige que os EUA mantenham a primazia com a qual ele emergiu da Guerra Fria (POSEN e ROSS, 1996-1997).

Dentre todas as estratégias, a primazia foi a que conseguiu maior destaque nesse período. O final da Guerra Fria legou aos EUA a condição de única superpotência, e os adeptos dessa estratégia argumentavam que o interesse vital do país seria manter o momento unipolar (KRAUTHAMER, 1991).

Os Estados Unidos precisam da hegemonia para garantir sua segurança ou para ser um equilibrador externo. Segundo Layne (2006), durante as últimas seis décadas, os EUA tem se esforçado para ser uma hegemonia extra-regional e os Estados não devem procurar maximizar seu poder, apenas maximizar sua segurança. Diante das grandes estratégias abordadas foram encontradas características tanto do realismo ofensivo quanto do defensivo.

A primazia vai além da lógica de engajamento seletivo e seu foco é na gestão das relações entre as atuais e potenciais futuras grandes potências. Logo deixa claro que a emergência de um rival deveria ser percebida não apenas como uma ameaça aos Estados Unidos, mas a ordem mundial. Por isso, quaisquer aspirações hegemônicas, de potências regionais ou globais, deveriam ser rechaçadas. Todavia, o que chama a atenção nessa estratégia é a ideia que se apresenta como corolário necessário à manutenção da guerra preventiva, cuja ação armada é empreendida com o pretexto de evitar que a outra parte ataque, embora não haja evidência de que o ataque seja iminente ou que esteja sendo planejado. (RESENDE, 2013).

Proponentes da primazia entendem que o papel das organizações internacionais possui pouca relevância para a manutenção da paz. Não obstante, não as descartam, pois podem proporcionar ares de legitimidade às ações da superpotência. Por exemplo, quando o assunto é intervenção humanitária e conflito regional, a proposta é semelhante à do engajamento seletivo: algumas regiões são mais importantes que as demais (GOMES, 2007). Por fim, fica ilustrado que a primazia, por almejar uma posição hegemônica no sistema internacional, pode ser encaixada no que Mearsheimer (2001) cunhou como realismo ofensivo, caracterizado pela contínua expansão dos estados rumo à preponderância no sistema internacional.

Após a caracterização das quatro grandes estratégias, serão analisadas as estratégias adotadas para política externa norte-americana no campo da segurança aplicada para a Ásia, especificamente para a Coreia do Norte. Será feita uma retrospectiva através de uma visão geral da administração Clinton e Bush, se detendo no governo do atual presidente Barack Obama, cujas estratégias militares postas em prática na sua administração são o foco de análise deste artigo.

A vitória de Bill Clinton foi marcada fortemente por uma campanha voltada para temas de cunho doméstico. As iniciativas propostas pela primazia e vazadas para a imprensa em 1992, não agradaram à população, além de causar mal-estar aos demais países (GOMES, 2007). Tal estratégia não conseguiu ganhar a simpatia da população. Quando Clinton assumiu o governo foi possível notar a mudança de uma política mais coerciva e ideológica para uma perspectiva que enfatizava a cooperação, maiores investimentos e comércio (HERZ, 2002). Identificando, assim, uma política voltada para segurança cooperativa.

Conforme Posen e Ross (1996-1997), a Estratégia de Segurança Nacional de Engajamento e Ampliação (1996), a declaração mais completa da visão do governo trazia uma linguagem da segurança cooperativa e do engajamento seletivo, além de uma pitada de primazia. O documento revela uma qualidade dialética, alternando entre a retórica da segurança cooperativa e a retórica do engajamento seletivo. O governo adotou uma postura declaradamente internacionalista fundamentada em uma concepção ampla de interesses nacionais. A expressão "engajamento e alargamento" transmitem tanto o modo como a finalidade, ou visão, da estratégia: os EUA devem estar engajados no mundo para ampliar a comunidade democrática de países de livre mercado.

O documento ressalta medidas de segurança cooperativa e reconhecem limites para o envolvimento dos EUA no mundo, limites impostos por uma avaliação dos interesses fundamentais e dos custos e benefícios. Controle de armas é inequivocamente abraçada como parte integrante da estratégia de segurança nacional e vista como cada vez mais multilateral. Mas a estrutura de força do país deve permitir que os EUA lidem com ameaças não apenas multilateralmente, mas unilateralmente. A liderança deve enfatizar a diplomacia preventiva a fim de ajudar a resolver problemas, reduzir as tensões e neutralizar os conflitos antes que eles se transformem em crises, mas o engajamento deve ser seletivo, concentrando-se em desafios que são mais importantes para os próprios interesses (POSEN e ROSS, 1996-1997).

A administração Clinton foi forçada a um compromisso com a segurança cooperativa porque seus propósitos provaram ser muito grandes. A retórica liberal internacionalista que acompanha essa estratégia gera uma agenda longa e grandes expectativas de ação. Mas para obter sucesso sem o comprometimento do poder dos EUA, ambas as instituições internacionais e multilaterais precisam ser fortes e coesas. Uma extensa cooperação internacional seria necessária. Clinton em sua administração descobriu que, embora instituições internacionais sejam fracas, as forças da política interna norte-americana não são

favoráveis de fortalecê-las. O governo Clinton também descobriu que a cooperação internacional não é tão fácil de arranjar. (POSEN e ROSS, 1996-1997)

Na cena internacional, alguns estados que pareciam não reconhecer obrigações de comportamento à luz das normas internacionais, distinguindo-se, entre outros aspectos, pela aquisição, aparentemente irracional, de capacidades não convencionais de ataque a grandes distâncias. Clinton passou a designá-los por *rogue states*, expressão utilizada para designar estados que reprimem o seu povo, ameaçam vizinhos, violam tratados internacionais e rejeitam ou combatem os valores em que assentam as democracias ocidentais. Nessa classificação destacam-se: Irã, Iraque e Coreia do Norte (RODRIGUES, 2007).

Em seguida, a chegada de George W. Bush à presidência foi conturbada, após acusações de fraude eleitoral que levaram o pleito somente a ser decidido pela Suprema Corte Federal. De posse do Executivo, iniciou a implementação de sua agenda (PECEQUILO, 2007). As mudanças observadas entre Clinton e Bush se deram nos meios utilizados em sua política externa, uma vez que ambos possuíam objetivos comuns (segurança de seu território e liberalização comercial).

Argumenta-se que a grande inovação do governo Bush foi fazer uso indiscriminado do poder do país, porém mesmo tendo os mesmos interesses, nota-se a diferença empregada nos métodos. Enquanto Clinton fez uso de premissas do engajamento seletivo e da segurança cooperativa, Bush, a partir da oportunidade proporcionada pelos atentados de 11 de setembro de 2001, pôde organizar integralmente, de acordo com a sua revolução na política externa do país através da primazia (GOMES, 2007). Desenvolveu uma grande estratégia clara, coerente e bem definida após 11 de setembro (DREZNER, 2011). Os Estados Unidos teriam de lançar unilateralmente guerras preventivas periódicas para se defender contra terroristas com armas de destruição em massa e que iria fazer isso sozinho (FUKUYAMA, 2006).

Todavia, de acordo com Daalder e Lindsay (2003) a administração republicana de George W. Bush deparou-se com grande parte de sua equipe formada por adeptos da estratégia de primazia, que postula uma atuação soberana do país nas relações internacionais, isenta de constrangimentos que parcerias permanentes pudessem trazer. Bush sempre teve bem claro as diretrizes que deveriam guiá-lo: segurança, prosperidade e liberdade.

Suas ideias acerca de temas de política externa convergiam com o exercício unilateral do poder norte americano, sem constrangimentos proporcionados por parcerias permanentes.

De acordo com Botelho (2008) a percepção da unilateralidade dos Estados Unidos fez parte da história diplomática dos oito anos do governo Bush, porém houve cenários em que, no segundo mandato, o Governo optou pela via multilateral, trabalhando com aliados ou com instituições internacionais. O governo Bush considerava seriamente o uso da força, tinha preferência de resolver suas questões militarmente, como o problema iraniano, destruindo as suas instalações nucleares (BOTELHO, 2008).

Em 2009, deu-se início a administração de Barack Obama, existia uma expectativa global com o fim do governo Bush. Segundo Vianna (2010) muitas mensagens publicitárias associavam a imagem do novo presidente, à “era da Esperança” ou ao fim do “governo do terror”. Houve uma notória mudança na retórica oficial do novo governo, visando estabelecer uma distância formal do governo anterior. Termos como “eixo do mal” (referendado a Coreia do Norte, dentre outros países), ou uso das palavras “bem” e “mal” que caracterizam a retórica fundamentalista do governo de Bush, desapareceram dos pronunciamentos oficiais. Tudo isso foi substituído pela retórica conciliatória, sóbria, centrista, moderada e cosmopolita da estratégia de engajamento de Barack Obama (VIANNA, 2010).

Obama primava pelo princípio de que a diplomacia multilateral significaria força e de que no seu governo não apenas queria ratificar como relevante o papel de organismos mediadores internacionais, mas, também sinalizar desde o seu discurso de posse, em 20 de janeiro de 2009, para a possibilidade de diálogo com os Estados ditos adeptos do terrorismo que efetivamente desejassem estabelecer parcerias proveitosas economicamente e que abrissem mão de favorecer ações que colocassem em risco a segurança dos EUA e de seus interesses estratégicos no mundo (VIANNA, 2010).

Com a chegada de Barack Obama, na Casa Branca, o debate sobre a estratégia da política externa dos EUA e os seus instrumentos de poder e influência tornou-se particularmente importante (DIMITROVA, 2011). A sua administração foi criticada por ter sido caracterizada como um governo marcado pela inexistência de uma grande estratégia surgindo, assim, dois questionamentos: Obama tem uma grande estratégia? Por que precisamos de uma doutrina em tempos incertos? Essas interrogações dividem a opinião de profissionais de política externa e de outras áreas do conhecimento, sobrando críticas ao afirmarem que este governo não possui uma estratégia (DREZNER, 2011).

De acordo com Posen e Ross (1996-1997) a estratégia é um importante mecanismo de orientação, uma estratégia claramente articulada acompanhada por ações consistentes, torna-

se útil porque pode direcionar o discurso doméstico sobre as intenções do país ao público interno e externo. Apesar do que dizem seus críticos, a administração Obama tem na verdade não apenas uma grande estratégia, mas duas (DREZNER, 2011).

A primeira estratégia que tem como foco a busca por ampliação das relações multilaterais, com intuito de reduzir compromissos que os Estados Unidos possuíssem no exterior, restaurando sua posição financeira no mundo, e transferindo encargos para os parceiros globais. Esta estratégia foi claramente articulada, mas não obteve os resultados políticos esperados. Todavia devido ao seu insucesso a segunda estratégia surgiu com o intuito de reequilibrar as relações entre os países, onde a administração Obama emergiu com disposição a fazer valer sua influência e seus ideais em todo o mundo, quando desafiados por outros países, tranquilizando seus aliados e sinalizando acabar com os seus adversários, esta estratégia teve um desempenho melhor (DREZNER, 2011).

No primeiro ano do governo Obama, de acordo com Vianna (2010) observou-se as metas da sua política externa, segue algumas de forma resumida: pacificar o Oriente Médio, firmar o princípio da inviolabilidade da soberania dos estados como forma de se distanciar da estratégia preventiva, buscar a não proliferação de armas nucleares, melhorar o equilíbrio regional na Ásia Central, conter a ameaça de grupos extremistas violentos e de redes transnacionais de tráfico de drogas, reformar as leis e instituições que regulam e mediam a situação de imigrantes e asilados.

A retórica observada no governo Obama enfatiza a construção de um mundo de multiparceiros, valorizando de forma seletiva o papel dos organismos de mediação política internacional. No primeiro semestre de 2009, houve um esforço da presidência em vencer as polarizações, desconfianças e ressentimentos criados, no espectro político internacional, pela estratégia de defesa preventiva do governo Bush.

Conforme Vianna (2010) o texto da Estratégia de Inteligência Nacional evitou qualquer recurso retórico sobre as dualidades ao modo da abordagem da expressão “eixo do mal” do governo Bush, preferindo falar em “atores” ou “fatores”, dentre outras expressões utilizadas que criavam desafios, mas também novas possibilidades, para uma liderança mundial dos EUA.

De acordo com o relato acima, segue a visão dos EUA sobre a

Coréia do Norte, que era vista como uma ameaça à paz e segurança no leste da Ásia por ter alta capacidade de armamento convencional, por estar perseguindo capacidade de lançar mísseis nucleares balísticos e por estar possivelmente

transferindo a sua capacidade militar para terceiros (embora não se afirmasse explicitamente no documento, o Departamento de Estado suspeitava da Junta Militar de Myanmar, no poder desde 1990). (VIANNA, 2010: 117)

Então, Chellaney (2011) aponta que a estratégia da administração Obama poderia ter tomado uma volta no segundo semestre de 2010, para procurar desde um reforço das velhas alianças até alcançar novos (especialmente no Sudeste da Ásia), com vista a contrabalançar o potencial do poder chinês.

Conforme Vianna (2010), Obama entende o engajamento como o princípio que deve guiar qualquer plano de cooperação internacional, a consequência lógica deste princípio é afirmar a importância de organismos internacionais, como ONU, OEA ou OTAN, para resolver problemas comuns, evitar ameaças globais e novas escaladas mundiais, regionais e hemisféricas de guerra.

Através de uma grande estratégia bem articulada fica mais fácil entender o comportamento da administração. Contudo, Chellaney (2011) faz uma análise do cenário da segurança asiática, cuja estratégia da administração Obama ainda está tomando sua forma final, mas, está estruturada e volta-se em torno da emergência da China e dos seus efeitos sobre a estabilidade da região, uma estabilidade que rege a política asiática de Washington.

A grande estratégia consiste nos interesses nacionais associados a um conjunto de planos operacionais. Essas estratégias geralmente são definidas com antecedência. Outrora as discussões estratégicas são oferecidas como explicações que ligam as políticas do passado com as futuras.

O cenário desenhado apresenta um futuro incerto, em que possíveis conflitos podem eclodir neste século, pois enquanto a Ásia está começando a emergir em termos econômicos, não se pode dizer o mesmo a nível político. A Coreia do Norte é exemplo “vivo” desta realidade. Todavia de acordo com Chellaney (2011), aponta-se uma questão importante, os Estados Unidos podem ser forçados a reduzir seus ativos na Ásia reforçando a necessidade de tal mudança política, devido a sua necessidade urgente de uma extensa renovação interna para impedir a erosão do seu poder relativo e cortar seu enorme déficit. Esse imperativo pode levar a reduzir a sua presença militar permanente na região da Ásia-Pacífico.

2. A PERSPECTIVA ESTRATÉGICO MILITAR NORTE AMERICANA FACE AO CASO NORTE COREANO: HISTÓRICO E DESDOBRAMENTOS.

O início das relações entre a República Popular da Coreia e os Estados Unidos da América que se deu desde o século XIX. De acordo como site do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América podemos obter a seguinte informação: Os Estados Unidos e a Dinastia Joseon da Coreia estabeleceu relações diplomáticas com o Tratado de Paz, Amizade, Comércio e Navegação de 1882, e seu primeiro enviado diplomático dos EUA chegou na Península da Coreia em 1883. As relações entre EUA-Coreia continuou até 1905, quando o Japão tomou a direção sobre os assuntos estrangeiros coreanos. Em 1910, o Japão começou um período de domínio colonial sobre a Coreia, devido a sua importância econômica, que permaneceu como colônia por 35 anos. Após a rendição do Japão em 1945, no final da II Guerra Mundial, a península coreana foi dividida no paralelo 38², em duas zonas de ocupação, com os Estados Unidos no sul do país e a União Soviética no Norte³. Essa divisão da península deu-se devido ao receio dos Estados Unidos de que a União Soviética, pudesse ocupar toda a península (OLIVEIRA, 2009). Esperanças iniciais de um sistema unificado, independente da Coreia não foram realizados, e, em 1948, foram estabelecidas duas nações distintas - a República da Coreia (Coreia do Sul), no Sul, e a República da Coreia Popular Democrática (RPDC) no Norte⁴.

Na tentativa de unificação das Coreias, em junho de 1950, tropas norte-coreanas invadiram o Sul, dando início à Guerra da Coreia. (OLIVEIRA, 2009). Depois do fracasso desta guerra que tinha por objetivo conquistar a República Coreia do Sul (ROK) que é apoiada pelos Estados Unidos, a Coreia do Norte (RPDC), sob seu fundador Presidente Kim Il Sung, adotou uma política de "auto-suficiência" como uma aliada para impedir influência externa. A RPDC tinha os EUA como a maior ameaça ao seu sistema social através da propaganda financiada pelo Estado, e suas políticas públicas, econômica e militar cujo objetivo central da eventual unificação da Coreia sob o controle de Pyongyang⁵.

Contudo, pode-se considerar o relacionamento Coreia do Norte e Estados Unidos como herança da Guerra Fria (OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Venâncio (2012) ainda em 1950 o Conselho de Segurança, expediu uma Resolução, onde por meio dela agradeceu o eficiente apoio fornecido pelo Governo dos EUA e integrantes das Nações Unidas para à República da Coreia, na defesa do ataque armado e na

² Paralelo 38 N é uma linha imaginária que está a 38 graus ao norte da Linha do Equador.

³ U.S. Department of State Diplomacy in Action. U.S. Relations With North Korea. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2792.htm>> acessado em: 23 de julho de 2013.

⁴ U.S. Department of State Diplomacy in Action. U.S. Relations With North Korea. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2792.htm>> acessado em: 23 de julho de 2013.

⁵ The World Factbook. Central Intelligence Agency. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/kn.html>> acessado em: 07.agos.2013.

busca da restauração da paz e da segurança internacional. Da mesma forma, autorizou o Comando Unificado a utilizar a bandeira das Nações Unidas durante as operações contra as forças norte coreanas e solicitou aos Estados Unidos que enviassem relatórios do curso das ações tomadas no Comando. Todavia pode-se destacar essa atitude, que ressalta a influência dos Estados Unidos na conformação das decisões.

A paz na península coreana foi adiada por cerca de dois anos. Em meados de 1951 ambos os lados perceberam que a vitória só seria alcançada a um preço que ambos não estavam dispostos a pagar. Após o desgaste provocado pela luta e a insatisfação com um conflito que parecia interminável, sem vencedores, levou às duas Coreias a um cessar fogo (SANDLER, 2009, p. 25, apud VENÂNCIO, 2012, p.273). Sendo esta trégua possível após um tratado de armistício, que compreendeu ajustes entre os beligerantes para a cessação temporária das hostilidades.

Pode-se considerar a relação da Coreia do Norte versus Coreia do Sul como um conflito estagnado no tempo. Segundo Lee (2012) a Coreia do Norte usou um nível elevado de força contra a Coreia do Sul a partir do final de 2009 até 2010, sendo a agressividade da Coreia do Norte canalizada para a Coreia do Sul (em vez de ser para os Estados Unidos). Mesmo não havendo uma confrontação direta para os EUA, nota-se que é uma forma de enfrentá-lo indiretamente, devido ao conhecimento de que os norte-americanos exercem influência sobre Seul.

Em novembro de 2009, um navio da marinha norte-coreano abriu fogo contra os navios de guerra sul-coreano perto Daechong Island, que pertence ao Sul e fica na costa norte-coreana. Então, em março de 2010, um submarino norte-coreano lançou um torpedo ataque secreto contra a corveta sul-coreana Cheonan, afundando-o e matando 46 marinheiros. Em novembro de 2010, a artilharia da Coreia do Norte bombardeou instalações militares e áreas civis em Yeonpyeong ilha da Coreia do Sul, matando dois fuzileiros navais e dois civis, e ferindo dezenas de pessoas. (Este foi o primeiro ataque direto ao território sul-coreano desde a Guerra da Coreia.). (LEE, 2012: 103)

Estagnado no tempo no sentido de que nos dias atuais vivenciamos conflitos entre essas duas nações e não se chega a um verdadeiro acordo de paz. Segundo Han (2009) na visão de Pyongyang apenas Washington poderia estabilizar a relação nessa região, servindo como intermediário nas relações potencialmente contenciosas entre a República Popular Democrática da Coreia (RPDC) e República da Coreia (ROK).

2.1 Posicionamento do governo Norte Coreano frente a “grande estratégia” norte americana.

A Coreia do Norte apresenta um alvo principal para a doutrina estadunidense adotada pelo governo Bush e que vem sendo observada no governo Obama. A RPDC é parte do que o presidente George W. Bush chamou em Washington de "eixo do mal". Que cometeu atos terroristas no passado, e possui um arsenal nuclear, podendo chantagear ou atacar os Estados Unidos e seus aliados (LEE, 2006).

Contudo diversas especulações são realizadas, porém quase nunca se obtém êxito, sobre as possíveis evoluções da postura internacional da Coreia do Norte (RODRIGUES, 2009). O comportamento da Coreia do Norte chama para um ataque militar dos EUA para impedir a aquisição de um arsenal nuclear. Não se tem conhecimento do real cenário potencial da Coreia do Norte e um confronto diplomático permanece sem solução. Esta incongruência da retórica política representa um enigma interessante: Por que os Estados Unidos, em contradição com a sua doutrina articulada, não travou uma guerra preventiva contra a Coreia do Norte?

Defendo que o uso preventivo (ou o que a administração Bush chama de "preventivo") da força pelos Estados Unidos contra a Coreia do Norte continua a ser muito improvável, principalmente porque as únicas estratégias disponíveis para Washington nesta situação são aquelas de atrito. (LEE, 2006: p.2, Tradução livre)

Os Estados Unidos ainda não usou de uma guerra preventiva, apesar do conhecimento do armamento nuclear Norte Coreano. De acordo com Lee (2006) adotaram oficialmente essa doutrina de guerra preventiva, após os ataques de 11 de setembro e a crescente proliferação nuclear. A Estratégia de Segurança Nacional de 2002 dos Estados Unidos relata que o país deve estar preparado para parar estados desonestos e seus terroristas antes que eles sejam capazes de ameaçar ou usar armas de destruição em massa. O governo dos EUA justificou a sua maior ênfase em ações preventivas sobre o fundamento de que a contenção não é possível quando ditadores desequilibrados com armas de destruição em massa podem entregar as armas em mísseis ou secretamente fornecê-los aos aliados terroristas.

Conforme Rodrigues (2009) esperava-se que a Coreia do Norte aproveitasse a administração Obama para dialogar, porém, o caminho escolhido, mais a afasta dessa possibilidade e da hipótese de converter o atual armistício que pôs fim à Guerra da Coreia num Tratado de Paz, desde a administração Clinton e Bush entende-se que o programa nuclear norte-coreano era instrumento de negociação.

Pode-se observar nestes últimos meses testes nucleares efetuados pela RDPC de forma “admirável”, sem medo das represálias norte americana, uma “afrota a potência mundial”. Apesar de todas as suas vantagens materiais, os Estados Unidos podem não estar confiantes de que uma guerra iria derrotar a Coreia do Norte com níveis aceitáveis de perdas e despesas, mesmo que a Coréia do Norte não tenha a quantidade de armas nucleares que se acredita (LEE, 2006). No entanto, de acordo com Han (2009) especulações de especialistas norte-americanos e sul-coreanos sobre a Coreia do Norte afirma que o uso de armamento nuclear por Pyongyang tem a intenção de exigir a atenção de Washington para iniciar negociações bilaterais e, eventualmente, normalizar as relações com os norte-americanos.

Existia uma previsão de que a Coreia do Norte iria provocar um agravamento de tensões na península coreana, não porque o regime queira a guerra, mas porque quer ganhar uma posição de vantagem para depois negociar com os EUA a assinatura de um acordo de paz que substitua o armistício de 1953. Porém não se esperava que os seus dirigentes os levasse por um caminho de irracionalidade e irresponsabilidade nunca visto anteriormente e dificilmente imaginável (RODRIGUES, 2013).

3. A QUESTÃO DO ARMAMENTO NUCLEAR E SUAS ANALISIS SOB UMA PERSPECTIVA REALISTA

A história do programa nuclear norte-coreano data de 1986, quando começa a operar o reactor nuclear de Yongbyon, construído com o apoio da União Soviética. O anúncio de que a Coreia do Norte se preparava para se retirar do Tratado de Não-Proliferação (TNP), levaria a Administração Clinton a aceitar os termos de um acordo negociado por Jimmy Carter em 1994, segundo o qual o regime de Kim Il-Sung se comprometia a não prosseguir com o seu programa nuclear, em troca do fornecimento pelos Estados Unidos de 500 mil toneladas de petróleo pesado por ano para fins energéticos civis. (BOTELHO, 2008)

O programa nuclear norte-coreano tem uma importância econômica para o país e o desenvolvimento do seu arsenal nuclear tem sido um projeto em longo prazo, onde as negociações de desnuclearização tem seguido um padrão cíclico em que o a Coreia do Norte tem provocado crises para fazer novas demandas e ganhar vantagem nas negociações (HABIB, 2011). Utilizando-se do seu comportamento como uma “moeda de troca”.

Em 2003, depois de exposto o programa nuclear clandestino norte-coreano e de Pyongyang ter sido incluída no campo do “eixo do mal”, o país abandonaria definitivamente o (TNP) e retomaria abertamente o seu programa nuclear que culminaria no anúncio, em 2005, de que já possuía armas nucleares, declaração corroborada pela condução de um teste nuclear subterrâneo. (BOTELHO, 2008)

Em maio de 2009 a Coreia do Norte realizou outro teste nuclear, seu segundo desde outubro de 2006⁶. Demonstrando, assim, que Pyongyang não tem intenção de abandonar seu programa nuclear.

Durante as administrações Clinton e Bush, considerou-se que o seu programa nuclear era, sobretudo, um instrumento de negociação, visando a obtenção das ajudas necessárias para evitar a entrada do regime em colapso. Contudo as carências se mantiveram, em vez de conceder o que lhes dariam acesso a outras ajudas, optaram por consolidar o status de potência nuclear. É sob essa perspectiva que se encara o teste nuclear de Maio de 2009 que parece querer tirar as dúvidas dos que tinham considerado pouco credível o rebentamento de 2006, dada a sua baixa potência (RODRIGUES, 2009). Demonstrando, assim, que o objetivo de Pyongyang não mudou, em decorrência do último teste nuclear realizado.

A Coreia do Norte tem demonstrado uma agressividade maior desde o final de 2009. Segundo Lee (2012) a causa do uso da força foi motivada pela frustração por parte dos líderes norte-coreanos que não tiveram suas expectativas cumpridas, no período de sucessão do governo de Lee Myung-bak da Coreia do Sul que não cumpriu com os benefícios que seus antecessores haviam prometido e entregue ao regime de Kim Jong-il como também a insatisfação com a administração Obama que não conseguiu satisfazer as elevadas expectativas de Pyongyang sobre negociações diretas e avanços diplomáticos.

De acordo com Dimitrova (2011) os analistas políticos continuam tentando definir a doutrina Obama em termos de política externa e de segurança nacional, onde a cada discurso ou tomada de decisão é caracterizado como: “a doutrina Obama” ou que sua posição é de quem tomou “emprestada a doutrina Bush”.

Em 2010 ocorreu um ataque militar ordenado por Pyongyang contra um território governado por Seul. O ataque atingiu a ilha de Yeonpyeong, perto da fronteira, no Mar

⁶ International Crisis Group Working to Prevent Conflict Worldwide. Shades of Red: China’s Debate Over North Korea, Asia Report N°179 2 Nov 2009. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/en/regions/asia/north-east-asia/china/179-shades-of-red-chinas-debate-over-north-korea.aspx>>

Amarelo, chegando a quatro o número de mortos, dois civis e dois militares. Diante deste episódio o presidente sul-coreano, Lee Myung-bak:

...falou por telefone com os líderes dos EUA, Japão, Alemanha e Reino Unido sobre o ataque norte-coreano, mas não fez declarações públicas sobre o tema. O presidente dos EUA, Barack Obama, reafirmou o apoio de Washington à Coreia do Sul⁷.

Dando continuidade aos seus testes, a Coreia do Norte realizou em 12 de fevereiro deste ano mais uma explosão nuclear. Ocasionalmente um impacto negativo sobre a segurança do Nordeste da Ásia. O teste nuclear foi desafiando até mesmo a China sua suposta aliada. Isso aconteceu poucas horas antes de Barack Obama proferir o pronunciamento quanto ao seu segundo mandato como presidente, no entanto, a Coreia do Norte insistiu numa "medida de autodefesa" contra "hostilidade contínua" pela América. Sendo ameaçadores, ao informar que tomariam medidas mais fortes⁸.

Os principais responsáveis pelo regime coreano mantêm esse comportamento hostil afetando não apenas seu "alvo", mas, indiretamente outros países da região, assim gerando uma insatisfação entre seus vizinhos, como é o caso da China que mesmo tendo uma relação de interdependência com a Coreia do Norte, que não entra numa situação de colapso graças a ajuda alimentar que a China dá, dentre outros programas das Nações Unidas.

Conforme reportagem do The Economist, segue discurso de Obama:

Em seu discurso, Obama prometeu ação. Ele disse que a América estaria por seus aliados na região e reforçar as suas defesas antimísseis. No entanto, os meios para disciplinar a Coreia do Norte são limitadas. Para começar, não importa o quão isolado do regime, Kim Jong Un, o jovem ditador, no cargo há pouco mais de um ano, parece ter herdado de seu pai e seu avô a convicção de que a capacidade nuclear é uma estratégia de sobrevivência não é negociável. Isso faz com que o objetivo da desnuclearização, uma premissa para qualquer compromisso americano renovado com a Coreia do Norte, parece um sonho, pelo menos por enquanto o regime sobrevive. Se a Coreia do Norte define qualquer loja pelas negociações de seis partes paralisadas convocada pela China e incluindo a Rússia, Coreia do Sul, Japão e

⁷ Estadão.com.br. Após ataque, Coreia do Sul corta ajuda humanitária a Pyongyang. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,apos-ataque-coreia-do-sul-corta-ajuda-humanitaria-a-pyongyang,644555,0.htm>> Acessado em: 28/08/2013.

⁸ The Economist. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/asia/21571938-chagrin-his-neighbours-young-despot-appears-determined-continue-his-familys-atomic>> acessado em: 16/08/2013.

América, será como um fórum para a negociação não fora a sua capacidade, mas por reconhecer o Norte como uma potência nuclear⁹. Tradução livre.

3.1. A Coreia do Norte foi capaz de conter a perspectiva estratégico militar norte-americana.

A Coreia do Norte mesmo com armas nucleares, ainda não pode vencer uma grande guerra sobre o Sul e os Estados Unidos (LEE, 2007). Porém seu comportamento provocativo incita uma reação. Após o teste nuclear realizado em fevereiro do presente ano e ameaças de novos lançamentos, John Kerry, secretário de Estado dos EUA, alertou a Coreia do Norte de que testar um míssil de médio alcance seria um "enorme erro", e que Washington jamais aceitaria o país comunista como uma potência nuclear¹⁰. Mesmo diante do poderio bélico norte-americano ser considerável em relação ao da Coreia do Norte, ela está conseguindo evitar uma guerra preventiva, pois, Washington não lutou uma guerra preventiva contra a Coreia do Norte, apesar da movimentação no país em se armar com armas nucleares e do seu histórico de estratégias de atrito.

Talvez Washington esteja temendo algum possível comportamento por parte de Pyongyang, que diante da sua condição econômica venha vender sua tecnologia nuclear e de materiais para os terroristas e outros possíveis malfeitores. Este cenário é uma das preocupações dos Estados Unidos, que levando em conta ameaças e ações passadas, onde, a Coreia do Norte vendeu mísseis balísticos e de hexafluoreto de urânio de nações islâmicas, incluindo o Irã, Líbia e Paquistão. Além disso, a Coreia do Norte teria ameaçado exportar *weapons*. (LEE, 2006).

Se o desenvolvimento nuclear da Coreia do Norte, não for controlado, é possível o desencadear de uma corrida armamentista nuclear na região estrategicamente importante do nordeste da Ásia (LEE, 2007). Assim podemos concluir que a Coreia do Norte tomou uma posição de um país com poder militar substancial sem medo das retaliações norte-americana e até o momento pode-se considerar que está conseguindo conter um ataque preventivo militar norte-americano.

⁹ The Economist, Disponível em: <<http://www.economist.com/news/asia/21571938-chagrin-his-neighbours-young-despot-appears-determined-continue-his-familys-atomic>> acessado em: 16/08/2013.

¹⁰ Estadão.com.br. Coreia do Norte pode cometer 'grande erro' se lançar míssil, diz Kerry. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,coreia-do-norte-pode-cometer-grande-erro-se-lancar-missil-diz-kerry,1020077,0.htm>> Acessado em: 28/08/2013.

Muitos países asiáticos, ainda acreditam que é possível encontrar uma maneira diplomática de desarmar a Coreia do Norte o ex-presidente sul-coreano Roh Moo-hyun que esteve no governo até 25 de fevereiro de 2008 argumentou que o programa nuclear norte-coreano é numeroso aos passos da produção de um arsenal operacional significativo. Ele também expôs que o programa representa um problema a longo prazo ao invés de uma ameaça imediata, permitindo, assim, tempo suficiente para a comunidade internacional buscar uma solução negociável para frear o desenvolvimento de armas nucleares (LEE, 2007, apud, Roh 2006b).

Devido ao insucesso da primeira estratégia lançada por Obama, proferida, mas entregue com resultados políticos não satisfatórios, pois, visava reduzir compromissos que os Estados Unidos possuíssem no exterior, diminuindo assim seu déficit através da transferência de encargos para parceiros globais. O presidente partiu para sua segunda estratégia que projetava uma política externa de reequilíbrio e lançava sua atenção para Ásia.

Barack Obama no seu anúncio em 5 de janeiro de 2012 anunciou, “Nossa nação vive um momento de transição”, e sua estratégia de defesa para os Estados Unidos, prevê a redução do Exército e o fim de algumas missões de combate tendo como meta concentrar-se em particular na Ásia e no Pacífico, com sua atenção voltada para: *ciberguerra*, operações especiais e o controle dos mares. “A força inter aliada norte-americana ficará mais leve”, precisou o secretário de Defesa, Leon Panetta, “mas ela será mais ágil e flexível”, pronta a se introduzir rapidamente, inovadora e tecnologicamente aperfeiçoada¹¹.

A mudança do “olhar” de Washington dar-se diante de novos possíveis conflitos potenciais, com a Coreia do Norte, dentre outros, assim, como a afirmação crescente na economia da China. Todavia de acordo com Mearsheimer (2001) o sistema internacional molda fortemente o comportamento dos estados.

Essa política que visa constituir uma força militar mais restrita, porém bem adaptada aos futuros perigos potenciais, pode ser percebida como uma resposta pragmática a um contexto econômico e geopolítico em movimento. Confrontados ao aparecimento de rivais ambiciosos e a erosão de seu status de única superpotência, os Estados Unidos buscam eternizar a supremacia mundial mantendo sua superioridade nos conflitos decisivos e nas

¹¹ Le Monde Diplomatique Brasil, Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=1117>>, acesso em: 18/08/2013.

zonas-chave do globo, como: nas periferias marítimas da Ásia, segundo um arco que se estende do Golfo Pérsico ao Oceano Índico, passando pelo Mar da China e o noroeste do Pacífico¹². Mearsheimer (2001) ressalta que a violência prolongar-se-á pelo novo milênio e as esperanças de paz perdem suas forças, já, que as grandes potências competem pelo poder, pois, seu fim é o alcance dominante sobre os outros Estados.

3.2. A dissuasão nuclear é decisiva para a Coreia do Norte se comportar como uma potência no cenário internacional.

A proliferação de armas de destruição em massa e seus meios de lançamento constituirão a maior ameaça à segurança mundial para o resto de nossas vidas. (KRAUTHAMMER, 1991). No entanto, há cerca de quarenta anos atrás cinco países possuíam armas nucleares, todavia, este numero tem crescido, com a possível exceção do Irã, nenhuma dessas potências nucleares representa um grave e desafiante problema para a segurança regional e os interesses dos EUA como a Coreia do Norte (RICH, 2012).

A Proliferação nuclear tem grande relevância para países politicamente ambiciosos, que têm demonstrado certa insensibilidade aos riscos e custos Coreia do Norte, Iraque e Irã se enquadram nesta categoria. Um ponto importante é que eles estão sendo observados, e que os EUA pretendem resistir a quaisquer ambições nucleares que possam ter (POSEN e ROSS, 1996; 1997).

Sendo o poder a mola propulsora das grandes potências e é por ele que os Estados competem desejando-o cada vez mais, nunca bastando o poderio já adquirido, pois, de acordo com o realismo ofensivo, a força garante segurança, porém, a maior força é a melhor garantia de segurança. A Coreia do Norte mesmo diante de sua escassez ou nenhuma fonte de recursos naturais e praticamente em falência econômica e financeira, parece apostar no nuclear como forma de garantir que não será invadida nem que o regime será mudado por influência exterior.

Segundo Mearsheimer (2001) de acordo com sua teoria do realismo ofensivo as grandes potências se consagram à maximização da sua cota de poder mundial, no por isso pode-se considerar que este venha sendo o objetivo no decorrer dos anos da Coreia do Norte, conquistar a hegemonia na Ásia, assim, possuir capacidade para dominar outros países.

¹² Le Monde Diplomatique Brasil, Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=1117>, acesso 18/08/2013.

Contudo para Mearsheimer (2001) nenhuma potência teve ou é provável que venha a ter capacidade para se tornar um estado hegemônico global, assim o desejo das grandes potências é conquistarem a hegemonia regional e impedir a ascensão de adversários em outras áreas do globo, em suma os estados que conquistam a hegemonia regional atuam como equilibradores externos em outras regiões. Assim a Coreia do Norte está utilizando das suas forças para eliminar possíveis ameaças advindas principalmente dos Estados Unidos, tentando se estruturar militarmente mesmo diante de sua fragilidade econômica e atuando como um *hegemon* na sua região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo contextualiza as grandes estratégias norte americanas adotadas para Ásia, especificamente para a Coreia do Norte que marcaram o século XX e o cenário de diversos conflitos internacionais, travados ao longo do período. Diante de tal fato surgiu a necessidade dos Estados Unidos de repensarem a sua política de segurança nacional. Fez-se uma breve análise acerca das grandes estratégias: neo-isolacionismo, engajamento seletivo, segurança cooperativa e primazia. Constatam-se inovações, adaptações e mudanças de “alvo” nas estratégias da política externa do governo Obama, que no início de 2010 voltou-se para Ásia, cuja busca era colocar em prática um relacionamento multilateral com outros países visando reduzir compromissos e transferir encargos para parceiros globais, que devido o insucesso desta estratégia passou-se a projetar uma política de reequilíbrio das relações entre os países, não sendo possível identificar claramente sua estratégia para a Coreia do Norte.

As estratégias produzem conselhos diferentes e muitas vezes não são tão explícitas sob quando os EUA deveriam usar a força, abrangendo diversas teorias que compartilham a ideia de que os Estados são motivados pelo desejo de poder e segurança, tanto militar quanto econômico. Então utiliza-se o realismo ofensivo cuja vertente teórica acredita que os Estados não estão satisfeitos com uma determinada quantidade de poder, mas buscam a hegemonia (maximização de sua parcela de poder no mundo), para segurança e sobrevivência, então diante desta linha de pensamento buscou-se analisar o comportamento da Coreia do norte.

O início das relações entre a República Popular da Coreia e os Estados Unidos da América deu-se desde o século XIX, onde no final da II Guerra Mundial ocorreu a divisão da península coreana em duas zonas de ocupação, com os Estados Unidos no sul do país e a União Soviética no Norte, por conseguinte em 1950 ocorreu a Guerra da Coreia, assim, as hostilidades entre esses países nunca ganharam um ponto final. Nota-se que tal relacionamento e suas conturbações são “frutos” da Guerra Fria.

Diante dos desafios enfrentados pela Coreia do Norte, tendo que lidar com disputas territoriais, heranças históricas que pesam sobre a relação global entre os principais estados da Ásia e os EUA. Ressalta-se a relevância da proliferação de armas de destruição em massa e seus meios de lançamento que constitui uma ameaça à segurança mundial.

Todavia constata-se que a Coreia do Norte consegue inibir a política externa norte americana no campo da segurança militar no que tange a não eclosão de uma guerra preventiva, é possível levantar algumas hipóteses para este comportamento dos EUA,

percebe-se que os norte-americanos não querem contrariar a emergente potência econômica asiática, China.

No entanto através do comportamento agressivo da Coreia do Norte diante dos testes nucleares realizados pela mesma agindo como um “*hegemon*” que busca incessantemente a ampliação do seu arsenal nuclear, consequentemente a maximização de poder global, percebe-se que é possível fazer uma leitura deste comportamento norte-coreano a luz do realismo ofensivo, pois, para Mearsheimer (2001) a Coreia do Norte é uma potência irracional que, sendo detentora de um arsenal nuclear torna possível a eclosão de uma guerra. Em suma, através desta teoria conclui-se que uma situação onde os EUA se mantêm de forma estacionária, e que outros Estados se mantêm “inativos”, não pode ser “real”. No entanto denota a dominância da Coreia do Norte como um Estado hegemônico mantendo uma posição de potência nuclear. Situação onde os outros Estados aguardam condições mais favoráveis para sitiá-lo e destronarem-no de sua posição.

ABSTRACT

This article aims to contextualize generally and briefly the “grand strategies” adopted in the U.S. foreign policy in the field of military issue in the Clinton, Bush and Obama, whose focus turns specifically to the strategies adopted under President Barack Obama. Through the analysis of foreign policy in the military, whose prospect is toward Asia, seeks to understand the relationship between the United States and North Korea. These countries have some adversity due to a past conflicted because, after the division of the Korean Peninsula in the twentieth century in areas of the U.S. occupation and Soviet, both sides claimed sovereignty over the entire peninsula, which led to the War of Korea in 1950, when North Korea invaded South Korea, and therefore the Security Council of the United Nations intervened against the invasion with an army led by the United States. However, despite an armistice in 1953 had suspended the conflict, the two countries still formally at war. The purpose of this work is to identify strategic perspective which U.S. military to North Korea and consequently how this nation has reacted to the actions of the U.S., seeking to understand the reasons behind the U.S. not to fight a preventive war against Korea North, even before the nuclear arsenal that the latter owns and conducting another nuclear test earlier this year. It is believed that the absence of war is associated with the military strategies of the United States to North Korea, or even aggressive behavior from North Korea that violates the rules of the Security Council of the United Nations, through the nuclear deterrent and made probably due to this behavior is able to contain the outbreak of a war with the U.S. Therefore, it is an analysis of the behavior of North Korea through the offensive realism whose theoretical model considers that the Member has as its action north to the maximization of power, among other principles that this theory enables a guarantee of survival, where the state can gain a dominant position over other states.

KEYWORDS: North Korea. United States. Strategic Studies

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Teresa. **A América e o Mundo Depois de Bush**. Os Estados Unidos no fim da Presidência Bush ainda a nação indispensável? pag. 21 – 31, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S164591992008000200003&script=sci_arttext>. Acesso em 02 ago. 2013.

CHELLANEY, Brahma. **La estrategia de la Administración Obama en Asia**. Anuário Ásia Pacífico, pag. 69 – 75, 2011. Disponível em: <http://www.anuarioasiapacifico.es/pdf/2010/8_brahma_chellaney.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2013.

DAALDER, I.; LINDSAY, J. **America Unbound: the Bush Revolution in Foreign Policy**. Washington: Brookings Institution, 2003.

DIMITROVA, Anna. **Obama's Foreign Policy: Between Pragmatic Realism and Smart Diplomacy?** pag. 1 – 7, 2011. Disponível em: <<http://www.culturaldiplomacy.org/academy/content/pdf/participant-papers/academy/Anna-Dimitrova-Obama%27s-Foreign-Policy-Between-Pragmatic-Realism-and-Smart-Diplomacy.pdf>> Acesso em: 19 ago. 2013.

DREZNER, Daniel W. **Does Obama Have a Grand Strategy? Why We Need Doctrines in Uncertain Times?** In: *Foreign Affairs*. New York, v.90, Iss. 4, Jul/Aug 2011, pp.57-68.

FUKUYAMA, Francis. **Depois dos Neoconservadores: A América na Encruzilhada**. Lisboa, gradiva, 2006, p. 151-161.

GOMES, Aureo de Toledo. **Doutrina Bush: Uma Análise de Política Externa** pag. 33 – 56, 2007. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/236/208>> Acesso em: 12 ago. 2013.

HABIB, Benjamin Dr. **North Korea's nuclear weapons programme and the maintenance of the Songun system** pag. 43 – 64, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09512748.2011.554992>> Acesso em: 16 jul. 2013.

HAN, Jongwoo. **North Korea's diplomacy to engage the United States**. pag. 105 – 120, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10357710802642209>> Acesso em: 24 jun. 2013.

HERZ, Monica. **Política de segurança dos EUA para a América Latina após o final da Guerra Fria** pag. 85 – 104, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000300007> Acesso em: 19 ago. 2013.

HOBBSAWM, Eric J., **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo Companhia das Letras, 1995.

KRAUTHAMMER, Charles. **The Unipolar Moment**. In: Foreign Affairs. Vol. 70, N. 1, p. 23-33, 1990-1991. Disponível em: < <http://www.foreignaffairs.com/articles/46271/charles-krauthammer/the-unipolar-moment>> Acesso em: 20 ago. 2013.

LAYNE, Christopher. **The Peace of Illusions**. Ithaca, Cornell University Press, 2006. Chapter 1. Theory, History and US Grand Strategy.

LEE, Dong Sun. **US Preventive War against North Korea**. Asian Security, vol. 2, no. 1, p. 1–23, 2006. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/14799850600575181>> Acesso em: 24 jun. 2013.

LEE, Dong Sun. **A nuclear North Korea and the stability of East Asia: a tsunami on the horizon?** pag. 435 – 454, 2007. **Australian Journal of International Affairs**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10357710701684906>> Acesso em: 24 jun. 2013.

LEE, Dong Sun. Causes of North Korean belligerence pag. 103 – 120, 2012. **Australian Journal of International Affairs**. Disponível em: < <http://www.tandfonline.com/loi/caji20>> Acesso em: 24 jun. 2013

MEARSHEIMER, John J.; **A Tragédia da Política das Grandes Potências**. Lisboa: Gradiva, 2001.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. **A península Coreana: proposições para mudanças**. Disponível em: <<http://ceaa.colmex.mx/estudioscoreanos/images/altamani.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2013.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos EUA: Continuidade ou Mudança?** pag. 1 – 30, 2003. Disponível em: <<http://www.cebri.org/midia/documentos/apoliticaexternadoseua.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2013.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Era George W. Bush (2001/2007): Os EUA e o Sistema Internacional**. pag. 1 – 15, 2007. Disponível em: <<http://pascal.iseg.utl.pt/~magoliv/site%20rei/textos%20para%20as%20aulas/texto%2010%20a%20era%20de%20george%20bush%202001-2007.pdf>> Acesso em 13 ago. 2013.

POSEN e ROSS. **Competing Visions for U.S. Grand Strategy**. In: **International Security**, Vol. 21, N.º. 3 (Winter, 1996-1997), p. 5-53

RESENDE, Erica. **Uma Análise Da Doutrina Bush No Décimo Aniversário Do Onze De Setembro**. pag. 7 - 18, 2013. Disponível em: <revista.ufr.br/index.php/textosedebates/article/download/1167/947> Acesso em 26 ago. 2013.

RICH, Timothy S. **Deciphering North Korea's Nuclear Rhetoric: An Automated Content Analysis of KCNA News**. pag. 73 – 89, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00927678.2012.678128>> Acesso em: 17 jul.2013.

RODRIGUES, Alexandre Reis. **Porque quer a Coreia do Norte ser uma Potência Nuclear? Qual a dimensão da sua ameaça?** 2009. Disponível em:

<http://database.jornaldefesa.pt/crises_e_conflitos/coreia_do_norte/Porque%20quer%20a%20Coreia%20do%20Norte%20ser%20uma%20pot%C3%Aancia%20nuclear%20Qual%20a%20dimens%C3%A3o%20da%20sua%20amea%C3%A7a.pdf> Acesso em: 20 ago. 2013.

RODRIGUES, Alexandre Reis. **As Novas Ameaças: a Proliferação de Armas de Destruição Maciça**. pag. 251 - 273, 2007. Disponível em: <<https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000038001-000039000/000038287>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

RODRIGUES, Alexandre Reis. Até onde irá Kim Jong Un arriscar a justificação do regime? **JDRI Jornal de Defesa e relações Internacionais**. 2013. Disponível em: <http://database.jornaldefesa.pt/crises_e_conflitos/coreia_do_norte/JDRI%20046%20070413%20crise%20coreia.pdf>. Acesso 05 ago. 2013.

VENÂNCIO, Marina Demaria. **A Organização das Nações Unidas e o Conflito das Coreias**. ANAIS, Congresso Internacional “Jurisdição Internacionais: Fragmentação e Obrigatoriedade”. 20 e 21 de Agosto de 2012. Auditório do Centro de Ciências Jurídicas da UFSC. Editora Fundação José Arthur Boiteux ISSN 1983-8638, Florianópolis, agosto de 2012.

VIANNA, Alexander Martins. **Paradoxos da Política externa de Barack Obama – Anno Primo. Revista Espaço Acadêmico – N° 105 – Fevereiro 2010 ANO IX – ISSN 1519-6186**. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/search/authors/view?firstName=Alexander&middleName=Martins&lastName=Vianna&affiliation=UFRRJ&country=BR>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

WALTZ, K. **Teoria das relações internacionais**. Lisboa: Gradiva, 2002.

Sites:

Department of Defense United States of America. Disponível em: <http://www.defense.gov/news/defense_strategic_guidance.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2013

Estadão.com.br. Após ataque, Coreia do Sul corta ajuda humanitária a Pyongyang. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,apos-ataque-coreia-do-sul-corta-ajuda-humanitaria-a-pyongyang,644555,0.htm>> Acesso em: 28 ago. 2013.

International Crisis Group Working to Prevent Conflict Worldwide. Shades of Red: China's Debate Over North Korea, Asia Report N°179 2 Nov 2009. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/en/regions/asia/north-east-asia/china/179-shades-of-red-chinas-debate-over-north-korea.aspx>> Acesso em: 21 ago. 2013.

Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=1117>>. Acesso em: 18 ago.2013.

The World Factbook. Central Intelligence Agency. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/kn.html>. Acesso em: 07 ago. 2013.

The Economist. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/asia/21571938-chagrin-his-neighbours-young-despot-appears-determined-continue-his-family-atomic>> acesso em: 16 ago. 2013.

The Economist. Disponível em: <http://www.economist.com/news/asia/21571938-chagrin-his-neighbours-young-despot-appears-determined-continue-his-family-atomic> Acesso em: 16 ago. 2013.

U.S. Department of State Diplomacy in Action. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2792.htm>> acesso em: 23 jul. 2013.